

Universidades

www.jornaleconomico.pt

Boletim de informação académica



Foto Cédida

AMBIENTE

Parceria na investigação junta Politécnico de Leiria e Força Aérea

IPLeiria, Força Aérea Portuguesa e empresa Prio estudam a utilização de biocombustível produzido a partir de óleos alimentares usados em viaturas e equipamentos da Base Aérea N.º 5.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

A também conhecida por Base Aérea de Monte Real é o palco deste projeto de investigação. Estuda-se a utilização de biocombustível produzido a partir de óleos alimentares usados. Porquê? Para aferir a viabilidade e os benefícios ambientais do biocombustível de última geração, ZeroDiesel, numa gama alargada de viaturas e equipamentos de suporte terrestre, “Ground Support Equipment” (GSE) de tipologia e uso militar nesta base.

“O objetivo deste estudo é analisar os efeitos que podem existir pela utilização de biodiesel, em substituição do tradicional gasóleo, num conjunto alargado de viaturas e equipamentos, em termos de variações no consumo, alteração de nível de desempenho e emissões e ainda de fiabilidade dos

motores”, explica ao JE Universidades, Luís Serrano, professor no curso de Engenharia Automóvel da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Politécnico de Leiria e coordenador da delegação de Leiria da unidade de investigação ADAI.

A prova de conceito está focada na avaliação do potencial ambiental da utilização de biocombustíveis de última geração no domínio da Defesa nacional, refere.

Luís Serrano, que, na foto, posa com os restantes protagonistas da parceria – Paulo Carvalho e Rui Pedrosa, respetivamente, professor e presidente do IPLeiria, coronel João Vicente, comandante da Base Aérea n.º 5 e Carlos Baptista, diretor comercial da PRIO – por ocasião da assinatura do protocolo, esclarece que o F-16 não participa na investigação. A icónica aeronave utiliza jet fuel, um combustível muito distinto do gasóleo ou biodiesel.

“Embora existam alguns estudos a serem feitos para substituição do combustível utilizado nas turbinas das aeronaves, nomeadamente através de combustíveis sintéticos, não está atualmente a ser pensada qualquer investigação nos F16 portugueses considerando o combustível utilizado”, adianta.

O protocolo de colaboração entre o Instituto Politécnico de Leiria, a Força Aérea e a empresa PRIO foi assinado em abril último

A prova de conceito foca-se na avaliação do potencial ambiental da utilização de biocombustíveis de última geração no domínio da Defesa nacional

em Monte Real. O Politécnico assume a responsabilidade pela monitorização dos resultados, em termos de emissões de gases de efeito de estufa e da resposta mecânica e de consumos.

A participação neste projeto permite à instituição liderada por Rui Pedrosa reforçar competências em projetos de investigação, desenvolvimento e inovação e experimentação, bem como aumentar o conhecimento na área dos biocombustíveis.

Segundo Luís Serrano, os resultados deverão ser apresentação no 1º Seminário do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, a realizar a 16 e 17 de setembro. No dia seguinte, durante a Base Aberta da Base Aérea N.º 5, as viaturas em causa irão circular pela área do evento e a PRIO e o Politécnico terão expositores alusivos. Mais um motivo de gáudio para o cidadão que acorrer a Monte Real para celebrar a força aérea nesse dia. ■

OPINIÃO

António Duarte Santos, professor da UAL, analisa a qualidade do ensino secundário ■ P2

ANO LETIVO 2022/23

Concurso ao ensino superior traz 22 cursos financiados pelo PRR

Candidatos podem escolher entre 1103 licenciaturas e mestrados integrados. Há novidades na Engenharia Aeroespacial. Governo mantém prioridade nas tecnologias. ■ P2

ENTREVISTA

“O que há 100 anos parecia impossível, é agora uma realidade”



Rodrigo Ventura
Professor no Técnico
e investigador no ISR-Lisboa

Os avanços na área do Espaço são enormes, mas o sonho interplanetário do homem continua a esbarrar na limitação tecnológica, pelo menos, por enquanto. ■ P4,5

ALUMNI CHAPTERS

Nova SBE lança plano global para ativar comunidade de antigos alunos ■ P6

PROJETO EUROPEU

Escola Superior de Educação de Lisboa aproxima a arte e a cultura de pessoas com deficiência ■ P8

OPINIÃO

As ameaças para o próximo ano lectivo já começaram



António Duarte Santos
Professor da Universidade
Autónoma de Lisboa

Durante a pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2, responsável pela doença Covid-19, ficou claro que a realidade se tornou mutável a uma velocidade nunca antes experimentada e sequer perspectivada. Interessa estimular o que de melhor existe no ensino prévio ao ensino superior.

A pandemia forçou uma mudança da aprendizagem em que os mais cristalizados do sector não têm tido uma atitude de adaptação, nomeadamente a corporação dos sindicatos e organizações que, parece à vista de todos, são os verdadeiros influenciadores da perpetuação do “estado das coisas”, vulgo status quo, e que, por vezes, parece que evidenciam a disposição aparente para a permuta do exercício do poder executivo. Pouco ou nada lhes cativam as mudanças de paradigma, mas sim a vulgaridade da fraca qualidade do ensino secundário, começando, desde logo, com ameaças no início a cada ano lectivo. Aliás, as ameaças para o próximo ano lectivo já começaram.

É indecoroso que isto se esteja a passar num país da União Europeia que se quer desenvolvido na justa medida dos seus pares europeus.

A marcação de uma época de exames de 10 a 19 de Agosto, destinada a estudantes que contraíram a Covid-19, que estiveram em confinamento por motivo da doença ou os que apresentaram atestado médico para justificar a falta em época anterior é uma pura deformação do edifício escolar. Significa que há decisores políticos que não conhecem, logo, não percebem, as circunstâncias do país. Eis um exemplo revelador da péssima organização do Ministério da Educação que, e embora o problema venha de longe, continua a deteriorar-se.

Alguém está a mais em organizações corporativas que

vão tornando o ensino secundário mediano e preconceituoso em muitas das substâncias das distintas disciplinas da aprendizagem. Não há escrutínio até ao nono ano de escolaridade. O Decreto-Lei 27-B/2022, de 23 de Março, tem a intenção de, quanto ao ensino secundário, “ser reconhecido o impacto que os exames finais nacionais têm na conclusão deste nível de ensino e nas escolhas dos alunos dos cursos científico-humanísticos para efeitos do acesso ao ensino superior, considera-se necessário mitigar o efeito gerado pela sua dupla valência, uma vez que os impactos da sua realização abrangem a conclusão dos cursos científico-humanísticos, e, cumulativamente, a sua utilização como provas de ingresso”. Mais ainda, menciona o diploma. “Visa-se um maior equilíbrio nas condições de acesso, não sendo a classificação interna das disciplinas afetada pelo resultado dos exames nacionais, e, fundamentalmente, contribui-se para que, após o final do nível secundário dos alunos desta oferta educativa, o seu trabalho possa concentrar-se na realização das provas de ingresso de que necessitam para prosseguir os seus estudos no ensino superior”.

Por palavras mais abertas, a intenção é evitar as reprovações até à conclusão do terceiro ciclo de ensino que iria ou irá permitir um encaixe financeiro de 250 milhões de euros ao Governo, sendo este o valor que o Estado gasta com o “chumbo” de cerca de 50 mil alunos por ano lectivo. Por outro lado, há quem considere este desembaraço uma medida que irá acabar por premiar os alunos que não se esforçam em perceber a realidade e que simplesmente não estudam.

Foram ouvidos, para este diploma, os órgãos de Governo próprio das Regiões Autónomas, o Conselho Nacional de Educação, o Conselho das Escolas, a Associação dos Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo, a ANESPO - Associação Nacional de Escolas Profissionais, a CONFAP - Confederação Nacional das Associações de Pais e a CNIPE - Confederação Independente de Pais e Encarregados de Educação. Comentários para quê...!? ■

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia.



ENSINO SUPERIOR

PRR dá 22 novos cursos ao país e o terceiro de Engenharia Aeroespacial

Concurso de acesso ao ensino superior 2022/23 está no terreno. Candidatos podem escolher entre 1103 licenciaturas e mestrados integrados. Governo mantém prioridade nas tecnologias.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

O sonho do Espaço. A Universidade do Minho junta-se, já, no próximo ano lectivo, ao Técnico e à Universidade de Aveiro na oferta de Engenharia Aeroespacial. Esta área de expertise afirma-se, ano após ano, como a mais atrativa para os alunos do secundário.

No ano de lançamento em 1991, o mestrado integrado do Técnico bateu todos os ramos da Engenharia da Escola chamando a si a nota mais alta e nos últimos anos afirma-se hegemónico no concurso nacional. Logo na estreia, também o curso da Universidade de Aveiro esgotou, não só, as vagas como ascendeu ao oitavo lugar do ranking das notas. Este ano, o Técnico abre mais 10 vagas e a UA mais 15. Na

UMinho são criadas 30. Nesta Universidade nasce também o mestrado em Engenharia Aeroespacial, que será leccionado em inglês.

“A nossa oferta formativa em Engenharia Aeroespacial distingue-se pela relevância das parcerias que temos vindo a desenvolver com instituições de referência a nível nacional (Programa MIT Portugal e CEiiA) e internacional



Depositphotos

no sector, nomeadamente nos Estados Unidos, com a Universidade de Massachusetts Lowell, no Brasil, com o Instituto Tecnológico de Aeronáutica, e em Espanha, com a Universidade de Vigo”, explica Gustavo Dias, diretor do curso.

Ao nível da região, uma parceria com a Câmara Municipal de Guimarães vai criar um centro de desenvolvimento em Engenharia Aeroespacial nas instalações da antiga Fábrica do Arquinho.

No concurso nacional, a Universidade do Minho disponibiliza 2988 vagas, mais seis dezenas do que no ano transato. No grupo dos 59 cursos, exhibe outra estreia: Ciência de Dados. O novo curso promove conhecimentos sólidos em Matemática e Informática, associando “a compreensão profunda de métodos de tratamento de dados e de arquiteturas e algoritmos de aprendizagem”. São de referir os pergaminhos da UMinho na ciência de dados. Em 1977 lançou um curso com um ramo de informática, em 1985 criou o primeiro e mail e em 1991 desenvolveu a primeira ligação em Portugal à Internet e a Home Page.

Os dois novos cursos inserem-se na Aliança de Pós-Graduação da UMinho, um projeto PRR - Impulso Adultos e Jovens STEAM. No total, o concurso nacional disponibiliza 22 novos cursos apoiados pelo Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), uma das principais novidades. Estes cursos enquadram-se no objetivo definido pelo Governo de António Costa de aumentar em 10% os jovens diplomados nas áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática, nos próximos cinco anos. A meta é formar mais 18 mil estudantes em domínios STEAM até 2025.

Recorde na U.Porto

No total, os cursos financiados pelo PRR representam 642 vagas, das quais 365 disponibilizadas em Lisboa e Porto e 277 no resto do país. Na Universidade do Porto nascem quatro: Desenho, Literatura e Estudos Interartes e Matemática Aplicada são estreias absolutas, enquanto Engenharia Agronómica abre vagas pela primeira vez através do regime geral de acesso. Com o recorde de 4604 vagas disponíveis para um novo máximo de 55 cursos, dos quais 49 licenciaturas e seis mestrados integrados, a Universidade liderada por António Sousa Pereira volta este ano a ser a universidade que mais “cresce” no concurso.

Supportada na forte tradição do Desenho no ensino artístico na Universidade do Porto, a nova licenciatura promete “formação transversal e qualificada em Desenho entre a Arte e Ciência” e “uma sólida preparação de base em meios analógicos e tecnologias digitais. Já a Licenciatura em Matemática Aplicada, a lançar pela Faculdade de Ciências (FCUP), combina “forte formação matemática com conhecimentos aprofundados em Computação e Física”, o que dará aos futuros diplomados em Matemática Aplicada habilitações

para desempenhar funções em empresas de consultadoria financeira e de serviços atuariais, indústria, instituições públicas e institutos de investigação. O curso responde às pretensões dos empregadores e à necessidade de inovação nas empresas.

No grupo das instituições que mais crescem este ano figura o ISCTE. O Instituto, liderado pela antiga ministra Maria de Lourdes Rodrigues, lança 178 novas vagas e a novidade de abrir em Sintra uma escola: o ISCTE-Sintra dedicado às tecnologias digitais, economia e ciências sociais, arranca em setembro com 172 vagas e oito licenciaturas.

Além das competências digitais, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, liderado por Elvira Fortunato, também definiu como estratégico o aumento de vagas nas licenciaturas em Educação Básica, que justifica pela “necessidade premente de formação de professores”. As instituições responderam com mais 56 lugares.

Universidades e politécnicos públicos lançam a concurso mais 1400 lugares do que no ano letivo anterior, o que totaliza 53.640 vagas, às quais acrescem 721 destinadas aos concursos locais.

O concurso segue as prioridades de formação anteriormente definidas e reflete a preocupação de não acentuar o desequilíbrio regional. Ao aumento de 2% nas instituições de Lisboa e Porto, as instituições do interior contrapõem 3,8%, com destaque para a Universidade da Beira Interior (UBI) e para os Institutos Politécnicos da Guarda e de Bragança, onde nascem mais de uma centena de novas vagas.

Por fim, nos chamados cursos de excelência, aqueles em que os candidatos têm mais de 17 valores e mesmo assim não arranjam vaga na primeira opção, há um aumento de 153 lugares. Figuram neste grupo, os cursos de Medicina, mas apesar da autorização para poderem crescer a oferta até 10%, só uma instituição o fez: a UBI abriu mais cinco vagas.

A primeira fase do concurso termina a 8 de agosto, transitando as vagas sobranes para as fases seguintes. Os dados estão lançados, o candidato tem a palavra. ■



António Sousa Pereira
Reitor da Universidade do Porto



Rui Vieira de Castro
Reitor da Universidade do Minho

OPINIÃO

Valorizar o ensino superior e a ciência através do debate e do diálogo



Mariana Gaio Alves
Presidente do Sindicato Nacional do Ensino Superior (SNESUP)

O SNESUP organizou, pela segunda vez, o Fórum Ensino Superior e Ciência, subordinado ao tema “Liberdade e Democracia”.

Do conjunto de temas abordados emergiu, recorrentemente, a ideia de que a relevância do conhecimento científico e académico não decorre, apenas, dos respetivos contributos para alavancar a economia e formar profissionais. Aliás, foi bastante consensual a valorização desse conhecimento no plano económico, mas também social, contribuindo para a promoção do bem-estar das populações e para o desenvolvimento humano nas várias regiões onde as instituições de ensino superior e ciência se inserem. A existência de uma rede de instituições dispersa no território que favorece a inter-relação da tecnologia e inovação com o tecido empresarial e com as entidades estatais foi enaltecida ao longo das sessões.

Adicionalmente, foi reforçada a ideia de que os resultados da produção de ciência e da formação académica não devem estar limitados à resolução de problemas atuais, numa lógica de aplicação imediata, abrangendo outros contributos que permitem perspetivar e enfrentar desafios emergentes e futuros.

Entre esses desafios, foi mencionado o de elevar o grau de literacia científica da população, o que é indissociável da melhoria dos mecanismos de comunicação da ciência, enquanto contributo do ensino superior e ciência. Destacou-se também o desafio e a necessidade de aumentar o número de estudantes, sem esquecer as particularidades daqueles que procuram formação pós-graduada e dos estudantes internacionais, por confronto com as características dos alunos mais jovens que frequentam formações iniciais.

Durante as várias sessões foi possível constatar a importância e a urgência na definição de um rumo estratégico, estável e de longo prazo para as políticas de ensino superior e ciência, bem como de desenhar soluções para problemas prementes como são os que remetem para as condições contratuais e de progressão nas carreiras, o envelhecimento etário dos profissionais, o subfinanciamento e a deterioração de práticas de democracia interna nas instituições de ensino superior e ciência.

A interação, intenso debate e partilha de conhecimento entre participantes oriundos de diferentes realidades, evidenciou a importância de dar continuidade ao evento e a projetos como este, onde organizações, instituições, docentes, investigadores e tutela possam articular-se para desenhar soluções com base no diálogo intersectorial. Estas oportunidades de debate e diálogo mobilizando informação rigorosa são exercícios de liberdade através dos quais os sindicatos fortalecem a democracia. ■



A existência de uma rede de instituições dispersa no território que favorece a inter-relação da tecnologia e inovação com o tecido empresarial e com as entidades estatais foi enaltecida ao longo das sessões

53.640

Foram lançadas a concurso mais 1.400 vagas do que no ano anterior, o que perfaz um total de 53.640 lugares para estudar na Universidade ou no Politécnico em 2022/23. Disponíveis estão mais 721 lugares destinados aos concursos locais. As sobras da primeira fase vão a concurso nas fases seguintes.

ENTREVISTA | **RODRIGO VENTURA** | Professor no Técnico e investigador no ISR-Lisboa

“O que há 100 anos parecia impossível, é agora uma realidade”

Os avanços na área do Espaço são enormes, mas o sonho interplanetário do homem continua a esbarrar na tecnologia, pelo menos, por enquanto.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

O fascínio pela ficção científica e o deslumbramento pela possibilidade de “fazer coisas” levaram Rodrigo Ventura ao que é hoje: professor no Instituto Superior Técnico e investigador no Instituto de Sistemas e Robótica (ISR-Lisboa).

No Departamento de Engenharia Electrotécnica e de Computadores leciona na área de sistemas de decisão e controlo e é responsável pelo “minor” em Ciências e Tecnologias do Espaço. No ISR-Lisboa desenvolve investigação em robótica espacial e inteligência artificial, incluindo a colaboração com o MIT e a NASA na realização de investigação na área da robótica móvel em microgravidade usando robôs na Estação Espacial Internacional. Por estes dias é docente na Escola de Estudos Espaciais 2022, que, em julho e agosto, decorre no campus do Taguspark do Técnico. Nesta entrevista ao JE Universidades conta como despontou a sua paixão pela robótica e pelo espaço, fala da oferta formativa do Técnico nestas áreas e das oportunidades de carreira que proporcionam aos jovens, que considera, estratégicas para a Escola, a maior do país na área da Engenharia.

Quando começou o seu interesse pelas questões do Espaço?

Consumidor ávido de ficção científica, desde cedo que o Espaço, a robótica e a inteligência artificial me cativaram. Em paralelo, o meu pai partilhava o seu fascínio pela ciência e expôs-me à comunidade de autónomos amadores, o que fortaleceu ainda mais essa atração por questões do espaço e pela ciência em geral. Contudo, a nível profissional acabei por formar-me em Engenharia Electrotécnica, pois sempre me fascinou a capacidade de “fazer coisas”. Mais recentemente, há cerca de sete anos, surgiu a oportunidade de cruzar as minhas atividades de investigação e ensino em Engenharia com as ciências e tecnologias do Espaço.

Em que circunstâncias foi?

Andava na altura a trabalhar na

área dos drones, e ao receber uma chamada de propostas da ESA para um voo parabólico, coloquei a um grupo de alunos a questão-desafio de como funcionaria um drone no interior de uma estação espacial. Esse foi o início de um trajeto que se iniciou com o desenho e construção de um protótipo de robô colaborativo para o espaço, o Space CoBot, e posteriormente nos levou a uma colaboração com o MIT e com a NASA que nos permitiu executar experiências com robôs reais (SPHERES e Astrobee) no interior da estação espacial internacional.

O Espaço é, por norma, referido como a última fronteira da Humanidade. Virá o Homem algum dia a habitá-lo?

Em rigor, já o fazemos. A estação espacial internacional é o único laboratório de investigação permanentemente em órbita e tem estado sempre habitado por astronautas. Existe atualmente um esforço internacional significativo direcionado para retornar a presença humana na Lua, desta vez por períodos superiores aos do programa Apolo dos anos 70, que se espera vir a ser a um passo intermédio na missão humana a Marte, primeiro por breves períodos, posteriormente com vista ao estabelecimento de uma base científica habitada em Marte.

Soam a avanços.

Contudo, o espaço é um ambiente



Não conhecemos nenhum planeta, fisicamente alcançável em tempo útil com a tecnologia actual, que seja minimamente semelhante à Terra no que respeita à sua habitabilidade — não há de facto planeta B!

extremamente inóspito, pelo que a questão é se quererá alguma vez o Homem habitar massivamente o espaço, para além do turismo espacial ainda em fase muito embrionária. Não conhecemos nenhum planeta, fisicamente alcançável em tempo útil com a tecnologia actual, que seja minimamente semelhante à Terra no que respeita à sua habitabilidade — não há de facto planeta B! Mas o sonho de a espécie humana se tornar interplanetária transcende as limitações tecnológicas atuais. O que há 100 anos parecia impossível, é agora uma realidade. O que será que nos reservam os próximos 100...!?

Quando ‘olha’ para cima, o que é mais fascinante para si?

Por um lado, a inimaginável imensidão do Espaço, que embora inalcançável com a tecnologia actual, ainda que nós nos conseguíssemos deslocar à velocidade da luz, nos coloca questões existenciais fundamentais, sobre a origem, evolução e futuro do universo, do nosso planeta, e de nós próprios. Por outro lado, a capacidade humana de observar, medir, estudar e compreender o Espaço visível. Observar objectos distantes é observar objetos no passado, tendo-se conseguido muito recentemente com o telescópio espacial James Webb ver mais longe e mais no passado como nunca antes se tinha conseguido, e que promete revolucionar o que sabemos sobre o universo.

É possível um aluno do Técnico tornar-se astronauta, um dia mais tarde?

Claro que sim. Tivemos recentemente alumni do Técnico a concorrer no último concurso para o recrutamento de astronautas da ESA. Um curso superior, sobretudo na área aeroespacial, é uma mais-valia muito relevante nestes concursos, pois fornece conhecimento especializado na área.

Que formações oferece o Técnico nesta área?

Por um lado, temos vários cursos de mestrado com especializações na área do Espaço, nomeadamente em Engenharia Aeroespacial (especialização em Espaço), em Física (especialização em Astronomia e

Astrofísica), e em Protecção e Segurança Radiológica. Por outro lado, temos um ‘minor’ em Ciências e Tecnologias do Espaço, que qualquer aluno do Técnico de qualquer curso de mestrado pode escolher, consistindo numa formação interdisciplinar e transversal na área do Espaço que, ao serem realizadas em conjunto, conferem no diploma a realização desse ‘minor’.

Atrair mais jovens para os temas do Espaço é um propósito?

Chegar ao público em geral, e aos jovens em particular é estratégico para o Técnico, não só nas áreas do Espaço, como também em qualquer outra área de estudo no Instituto. Trata-se não só de uma questão de responsabilidade social a disseminação de ciência e tecnologia, mas também uma forma de atrair os melhores alunos para os nossos cursos. Um exemplo de atividades na área do Espaço para os mais jovens é os cursos de verão promovidos pelo Nanosatlab, o laboratório responsável pelo desenvolvimento e construção do primeiro satélite 100% nacional, o ISTSat-1.

Quais são as instituições vossas parceiras?

A investigação na área do Espaço faz-se sempre em rede, pelo que existe uma grande diversidade de colaborações, que vão desde universidades de topo, como MIT, CMU, UT Austin, para citar três com as quais existe uma parceria muito forte, até agências governamentais, caso da NASA, ESA, JAXA e indústria nacional e internacional: Deimos, GMV, D-Orbit, entre outras.

As formações do Técnico na área do Espaço dão acesso a uma carreira profissional interessante?

Existe no mercado de trabalho na área do Espaço, e não só, um grande apetite por quadros altamente qualificados, como aqueles que o Técnico produz, como maior escola de Engenharia do país. Apetite este de origem nacional e internacional. Existe um número significativo de alumni formatos no





Foto Cedida

Técnico que são contratados nas maiores agências e indústrias na área do Espaço: NASA, ESA, DLR e Airbus, só para referir algumas.

Que lugar ocupa Portugal no mapa europeu da investigação ao nível do Espaço?

A comunidade do espaço em Portugal é muito ativa e em pleno crescimento, abraçando academia e indústria, alavancada pela entrada em organizações internacionais de referência, tais como a ESA, o ESO, o CERN e o ISECG, e pela fundação da Agência Espacial Portuguesa (PTSpace). Por exemplo, Portugal tem conseguido receber mais financiamento de algumas destas instituições do que a contribuição que o Estado tem de investir para lhes pertencer.

O que representa para o país receber a Escola de Estudos Espaciais (ISU) que em julho e agosto decorreu no Técnico? Que ganhos trouxe a iniciativa?

Trata-se de receber um programa de estudos de referência na área do Espaço, tendo-o conseguido num processo competitivo a nível internacional, numa parceria entre o Técnico e a PSpace. O programa atraiu este ano cerca de uma centena de alunos que durante nove semanas estiveram expostos a uma grande variedade de atividades, incluindo aulas lecionadas por cerca de 200 docentes de topo na área do espaço, incluindo vários astronautas e personalidades de referência internacional, visitas profissionais, workshops 'hands-on' e projectos em grupo com apresentações públicas.

Numa perspetiva mais macro, como pode impactar a competitividade do setor do Espaço em Portugal? Que benefícios?

Para além da vertente de formação académica e profissional, a ISU é uma rede. Um número significativo de cargos de chefia na área do espaço são actualmente preenchidos por alumni da ISU. Por conseguinte, trazer este programa para Portugal não se esgota nas nove semanas da sua duração, tendo continuidade na criação de laços entre a ISU e Portugal para o futuro, nomeadamente na ligação a esta rede.

Se estivesse nas suas mãos tornar a carreira de investigação científica mais estável, o que faria?

O que a comunidade científica tem vindo a solicitar há vários anos, nomeadamente a estabilidade nos instrumentos de financiamento do sistema de II&D, a desburocratização no acesso a bolsas por parte de candidatos estrangeiros, de forma a que possamos atrair os melhores alunos a nível global, e o aproximar do financiamento das universidades à média Europeia, da qual ainda está muito distante, nomeadamente tendo em conta o seu contributo para a formação avançada, para a produção científica, e para a competitividade do país. ■

ALUMNI CHAPTERS

Nova SBE lança plano global para ativar comunidade de antigos alunos

Madrid, Nova Iorque, Frankfurt, Munich, Londres, Milão e, já a seguir, São Paulo... A Nova SBE está a desenhar o seu mapa mundo com o objetivo de fortalecer a sua relação com os antigos alunos e destes entre si. Juntos querem contribuir para a formação das gerações que, um dia, vão integrar os principais fóruns de decisão mundiais.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Afonso Varatojo Januário destaca-se no Reino Unido. Aos 36 anos de idade, este português formado em Economia pela Nova SBE, com o mestrado em Finanças, ajuda a gerir quase 200 mil milhões de euros, através de estratégias de investimento quantitativas.

O gestor de ativos no Santander Asset Management UK é agora também coordenador do London Chapter da NOVA SBE, a convite do dean, Daniel Traça. “A rede de antigos alunos da NOVA SBE é uma rede importante para conhecer novos colegas, para recrutamento, e para reencontrar antigos colegas e amigos”, afirma Afonso Januário ao JE Universidades.

O London Chapter é um dos primeiros ‘núcleos’ da comunidade global Alumni Chapters que a Escola de Carcavelos está a lançar atualmente. “Queremos fazer crescer a rede de contactos dos nossos ‘alumni’ para que entre eles promovam oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional, e fortaleçam a sua relação com a Escola; para que cada vez mais sejam parte do projeto de formação das novas gerações que farão parte dos principais fóruns de decisão do mundo”, explica Madalena Borges de Sousa, diretora do gabinete Alumni Relations da Nova SBE, ao JE Universidades.

Os objetivos da Alumni Chapters poderão evoluir com o tempo.



Afonso Varatojo Januário
Gestor de ativos no Santander Asset Management UK



Madalena Borges de Sousa
Diretora do gabinete Alumni Relations da Nova SBE

Por agora, porém, refere Madalena, estão focados em “criar oportunidades de convívio e networking” para os alumni na cidade, onde vivem, “ser um fórum de discussão”, promover “a aproximação da Escola com empresas relevantes e apoiar candidatos aos programas pre-experiência e formação de executivos”, fortalecendo a presença da Escola em cada mercado.

O lastro da Nova SBE espalha-se por 93 países, tendo mais de 30% dos alunos a viver fora de Portugal e a trabalhar nos mais variados serviços. “Os nossos antigos alunos representam o impacto, a longo prazo, do trabalho da Escola e a perseverança dos valores que defende”, afirma. Madalena Borges de Sousa tem à sua guarda uma comunidade com 20 mil graduados de licenciaturas, mestrados, dou-

toramentos, MBA e pós-graduações.

“A iniciativa — explica — faz parte de um plano ambicioso para ativar a comunidade de antigos alunos e alargar o seu impacto, reforçando a proposta de valor para esta comunidade em três pilares: aprendizagem ao longo da vida & crescimento profissional, atividades com alunos & acesso a talento e comunidade & networking”.

A comunidade Alumni Chapters é impulsionada pelo gabinete de Alumni Relations, mas cada ‘Chapter’ é gerido de forma descentralizada por um ‘city board’ composto por Alumni da Nova SBE que vivem nas várias cidades.

Afonso Varatojo Januário está ao leme em Londres. Ao JE Universidades, o gestor lembra que antes, os antigos alunos reuniam-se, de for-

ma um tanto ou quanto ‘ad-hoc’. Hoje existe um plano estruturado. “Estamos a planear maioritariamente eventos de networking mais sociais: ‘get-togethers’ mensais onde nos encontramos depois do trabalho”, adianta. Individualmente cada um continua a ajudar como pode, ora recebendo alunos da Nova SBE em visitas de estudo a Londres, ora participando em programas de mentores ou conferências.

As sessões de lançamento da rede têm incluído a presença inspiradora do dean da Nova SBE, Daniel Traça e de outros membros da comissão executiva e contado com o apoio de instituições como Aicep, Turismo de Portugal, Sogrape e LG. Em Madrid, o arranque foi celebrado na residência do Embaixador de Portugal em Espanha (foto), em Frankfurt num espaço sofisticado no centro financeiro, em Munique, ‘noblesse oblige’, numa cervejaria histórica, em Londres num espaço cedido pelo mecenas da Nova SBE, o grupo Westmont Hospitality Group. Em Milão, a escolha recaiu num espaço sobre uma bela praça e em Nova Iorque num ‘rooftop’ sobre a cidade.

Neste primeiro ano, a rede Alumni Chapters chega a nove cidades relevantes para a comunidade da Nova SBE. Madrid, Frankfurt, Munich, Londres, Milão e Nova Iorque já estão a funcionar. Seguem-se nos próximos meses São Paulo, já em setembro, Dublin, em outubro, e Paris em novembro. Futuramente serão escritos novos capítulos. ■

PATRIMÓNIO GEOLÓGICO

Estudo da UC abre porta a roteiro de geoconservação de África

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Numa tarefa que se prolongou por dois anos, Keynesmínio Neto e Maria Helena Henriques estudaram duas centenas e meia de documentos relativos à geodiversidade do continente africano. A que conclusão chegaram os investigadores do Centro de Geociências da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra?

“Berço da humanidade, África possui uma riqueza em termos de biodiversidade que inunda inúmeros documentários televisivos —

explicam — contudo, o seu património geológico, que corresponde a registos com mais de 4 mil milhões de anos, continua por descobrir e explorar”.

Uma realidade que o também investigador da Universidade pública de São Tomé e Príncipe e a professora da Universidade de Coimbra consideram que é urgente alterar. “Os resultados obtidos põem em evidência os territórios cujo património geológico permanece desconhecido. A sua inventariação e avaliação são a base necessária para atrair investimento na área do geoturismo, que permita contribuir para a melhoria das



Os investigadores Keynesmínio Neto e Maria Helena Henriques

condições de vida em países africanos com baixos índices de desenvolvimento”, adiantam.

O estudo publicado recentemente na prestigiada “Gondwana Research” abre caminho para a definição de um roteiro para a geoconservação no continente. O roteiro é entendido pelos investigadores como fundamental na criação de instrumentos legais que visem ancorar políticas públicas de conservação da natureza e, por outro lado, ajudar os decisores a estabelecer prioridades e implementar projetos de desenvolvimento económico e social das comunidades locais com base no geopatrimónio. ■

FIGURA EM DESTAQUE

Ao leme da Escola de Medicina da UMinho



Jorge Correia-Pinto é o novo presidente da Escola de Medicina da Universidade do Minho. Professor catedrático, era até agora diretor do ICVS – Instituto de Investigação em Ciências da Vida e da Saúde da UMinho. Nasceu em Lamego há 52 anos, licenciou-se e doutorou-se em Medicina na Universidade do Porto e esteve ligado ao Centro Hospitalar de São João. No Hospital de Braga cofundou e dirigiu o Serviço de Cirurgia Pediátrica. Como investigador, professor e estudioso tem uma obra notável: mais de 200 artigos científicos publicados sobre cirurgia, pediatria, biologia celular e molecular, fisiologia e sistemas respiratório e cardiovascular e 60 distinções, como o Prémio Pfizer para Jovens Investigadores, que recebeu em 1998, o Prémio Maria Amélia de Mello para as Ciências da Saúde (2004), o Grande Prémio

START 2009, o Prize of the International Pediatric Endoscopic Group 2010 e o Grande Prémio do Concurso Nacional de Inovação do Novo Banco 2015.

Na Escola de Medicina da Universidade do Minho lançou um programa internacional para treino e formação em cirurgia minimamente invasiva a mais de 500 cirurgiões/ano de várias especialidades cirúrgicas. Desenvolveu e patenteou sistemas personalizados para corrigir o tórax (peito escavado e em quilha), criando a spin-off iSurgical3D. Como médico realizou mais de 15 mil intervenções cirúrgicas, das quais 750 a nível neonatal. Foi pioneiro no país no procedimento “ex utero intra-partum treatment” e num programa de cirurgia minimamente invasivo para tratar malformações congénitas no recém-nascido. **AR**

FLUL distingue antigo aluno



João Vale de Almeida vai receber o Prémio Alumni da Faculdade de Letras de Lisboa. Embaixador da União Europeia no Reino Unido, recentemente eleito pelo corpo diplomático britânico “Diplomata do Ano 2022 da Europa”, João Vale de Almeida, que cursou História, é um diplomata de primeiríssima linha e um europeísta convicto. Em Bruxelas foi porta-voz, Director-Geral da Comissão Europeia e, mais tarde, chefe de gabinete de José Manuel Durão Barroso, durante o primeiro mandato deste como presidente da CE. Seguiu-se a Embaixada da União Europeia nos Estados Unidos, funções que também desempenhou junto da ONU. Miguel Tamen, Director da FLUL, destaca o facto de o Prémio distinguir alguém cuja “vida notável se fez independentemente da Faculdade de Letras”.

Breves

Luís Marques dirige MBA Executivo da Católica Porto Business School



O MBA Executivo da Católica Porto Business School tem novo rosto: Luís Marques, professor auxiliar convidado da Escola desde 2011 e administrador na Rangel Logistics Solutions, desde 2014, sucede à carismática Ana Côrte-Real na liderança do programa. Doutor em Gestão, pela Faculdade de Economia da Universidade do Porto, fez carreira no mundo empresarial, tendo, entre outras, desempenhado funções na Administração do Porto de Aveiro, na PwC e na CFA. Para o gestor, o MBA é “um importante investimento pessoal, profissional e financeiro” e as suas novas funções dão-lhe a possibilidade de poder contribuir “para o crescimento integral dos participantes”. Uma experiência que, explica, “só se consegue com projetos que os façam sair da sua zona de conforto e dando-lhes exposição a diferentes realidades empresariais e de mercado”.

Melhor tese de mestrado em Arquitetura para antigo aluno da FAUP

Giacomo Ciavattino, que concluiu o mestrado integrado em Arquitetura na Universidade do Porto em 2020/21, venceu o Prémio Archiprix Portugal. “Rural esquecido, uma oportunidade contemporânea. Transformação catalisadora para uma Quinta na Região de Marche, Itália”, reflete sobre novas estratégias de intervenção socioeconómicas e paisagísticas sustentáveis em territórios de baixa densidade. Foi orientado por Filipa de Castro Guerreiro e Carla Garrido de Oliveira.

Investigador do Algarve Biomedical Center distinguido na Alemanha

David Brito, investigador do Algarve Biomedical Center Research Institute (ABC-RI), foi distinguido com o prémio Foundation BrainAid IZN Dissertation Award 2022, atribuído pela Foundation BrainAid, de Heidelberg à melhor tese de doutoramento. O prémio foi entregue em julho, em Kloster Schöntal, na Alemanha.

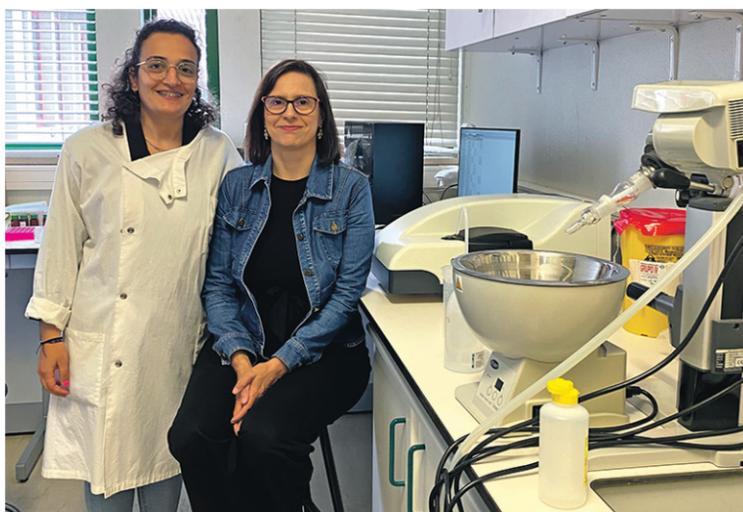
COOPERAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA

Investigação de topo na UMinho

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Andreia Gomes e Sofia Machado (na foto) usaram pela primeira vez macroalgas *Cystoseira* para sintetizar nanopartículas de ouro. O passo pioneiro foi dado há quatro anos num projeto de mestrado na Universidade do Minho, envolveu ainda Anabela Gonçalves e Luana Magalhães e constitui um avanço na ciência.

As nanopartículas de ouro têm variadas aplicações biológicas, que vão da deteção de biomarcadores de doenças cardíacas, cancros ou infeções, à terapia por hipertermia para destruir tumores. Também podem ser usadas na entrega con-



trolada de agentes terapêuticos, como sondas em imagiologia, e nos sensores de deteção de proteínas, poluentes ou outras moléculas. A investigação da UMinho foi realizada em parceria com cientistas da Universidade de Vigo e do Laboratório Ibérico de Nanotecnologia e publicada no “International Journal of Nanomedicine”. Recentemente, foi agraciada com o Prémio IACOBUS Papers, que

fomenta a cooperação transfronteiriça na investigação e divulgação científica. “Precisamos mostrar aos nossos alunos, desde a licenciatura, que não precisamos de estar fora do país para demonstrar o nosso valor”, afirma Andreia Gomes, coordenadora, que salienta a existência no país de recursos, capital humano e tecnologia que permitem “trabalhos de investigação com mérito e de topo”. ■

POLIEMPREENDE 2022

Aluna do IPS idealiza hotel inclusivo

Beatriz Afonso Lopes idealizou um hotel que responde às tendências de turismo sustentável e personalizado. “Hotel da Vila”, na ilha de São Miguel, Açores, disponibiliza estadias de longa duração e aposta num conceito inovador em hotelaria, que assenta nos princípios do envelhecimento ativo e design para todos. A aluna do mestrado em Gestão em Hotelaria de Saúde e Bem-Estar, da Escola Superior de Ciências Empresariais do Politécnico de Setúbal, venceu o Poliemprende na sua instituição e vai disputar a final nacional. ■ AR



POLITÉCNICO DE LISBOA

IPL em projeto que aproxima a arte e a cultura de pessoas com deficiência

Escola Superior de Educação de Lisboa, do IPL, é a única instituição portuguesa no consórcio europeu INARTdis, que visa facilitar processos de inclusão social através de espaços artísticos.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Tudo foi uma enorme descoberta naquele dia, sobretudo a inolvidável atividade “Pintar a Manta” em que foram chamados a participar. A visita dos elementos da instituição de solidariedade social Associação Quinta Essência ao Museu Calouste Gulbenkian, em 21 de dezembro, foi, na realidade, mais do que uma simples visita. Integra-se no projeto europeu INARTdis, que tem como finalidade aproximar a arte e a cultura de alunos/pessoas com deficiência, facilitando os processos de inclusão social através de espaços de criação artística.

“Garantir a pessoas com deficiência o acesso, a participação e a fruição face a atividades de natureza cultural constitui a grande finalidade do projeto”, afirma Isabel Madureira, coordenadora da equipa da Escola Superior de Educação de Lisboa, única instituição portuguesa a integrar o consórcio europeu que reúne instituições de ensino superior e socioculturais de cinco países.

Além da unidade do Instituto Politécnico de Lisboa, estão envolvidas as espanholas Universidade de Cantábria e Universidade Autónoma de Barcelona e a austríaca University College of Teacher Education of Syria, bem como a Association for Promotion of Education, Culture and Sports “Education for all”, da República da Macedónia do Norte, e a alemã Thikwa Werkstatt für Theater und Kunst der Nordberliner Werkgemeinschaft.



Parceiros

Em Portugal, a iniciativa conta com diversos parceiros associados. Organizações educativas e culturais como o Instituto da Imaculada para Pessoas com Necessidades Especiais, GlocalMusic, LU.CA, Teatro Meia Volta e Depois à Esquerda Quando Eu Disser, Terra Amarela e Vo'Arte, bem como as já referidas Associação Quinta Essência - QE e a Fundação Calouste Gulbenkian.

INARTdis foi financiado pelo programa Erasmus + em 624 mil euros e tem duração até 2023. Propõe-se conceber, implementar e avaliar projetos de educação artística inclusiva através da criação de espaços inclusivos e criativos em instituições culturais. Os projetos, denominados de Espaços Inclusivos e Criativos (ICS - Inclusive and Creative Spaces) têm a participação de profissionais dos centros educativos e instituições culturais e de estudantes com deficiência do contexto de cada instituição.

A equipa multidisciplinar liderada por Isabel Madureira é composta por Clarisse Nunes, Tiago Almeida, Bianor Valente, Natália Vieira, Kátia Sá e Mário Relvas. Nas duas fases iniciais do projeto identificou as necessidades de formação em arte e inclusão do corpo docente de centros educativos com alunos com deficiência e de profissionais de instituições culturais e avaliou a “inclusividade” de instituições culturais e a inclusão social de alunos com deficiência: Desenhou respostas.

“O próximo passo do projeto vai decorrer durante todo o próximo ano letivo e é a criação nos Museus participantes de ICS Inclusive Creative Spaces, ou seja, os espaços e atividades que permitam a inclusão na visita ao Museu de pessoas com necessidades específicas”, adianta Isabel Madureira ao JE Universidades.

O culminar do projeto, no final do próximo ano letivo, será uma exposição que dará a conhecer todos os centros criados e as atividades realizadas. ■

INVESTIGAÇÃO

IADE e IPCA apostam em doutoramento em jogos digitais

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Pioneiro em Portugal, o doutoramento em Desenvolvimento de Jogos Digitais cruza as ciências informáticas e as artes visuais. É um projeto conjunto do IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia e da Escola Superior de Tecnologia do Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA) e será lançado no próximo ano letivo.

Carlos Rosa, diretor do IADE, explica ao JE Universidades que o programa permite tirar “partido do “know-how dos investigadores e da infraestrutura laboratorial das duas instituições” e “dá aos estudantes a

possibilidade de desenvolver investigação aplicada em novas tecnologias”. Promove-se a investigação através do uso dos jogos como ferramenta para a resolução de problemas do mundo real e por via da inovação no Design ou do desenvolvimento de tecnologias e processos para a indústria criativa.

O doutoramento reforça o posicionamento do IADE enquanto Escola pioneira nas áreas de formação para a economia criativa. “É de extrema relevância - explica Carlos Rosa - que para além de oferecermos formação para estas áreas através das nossas licenciaturas e mestrados, se desenvolva

também investigação através do uso dos jogos digitais como ferramenta para a resolução de problemas do mundo real”.

Para a Escola Superior de Tecnologia do IPCA, o doutoramento permite completar o pipeline de conhecimento graduado em Portugal na área dos Jogos Digitais que iniciou em 2009. “Este novo curso - explica Vítor Carvalho, diretor da EST - tirará partido das recentes técnicas de gamificação promovidas no Laboratório de Inteligência Artificial Aplicada (2Ai) da EST e contribuirá para minimizar a elevada lacuna de profissionais altamente capacitados na área, bem como potenciará o desenvolvimento de um cluster da indústria dos jogos digitais em Portugal”. ■



Carlos Rosa
Diretor do IADE



Vítor Carvalho
Diretor da Escola Superior de Tecnologia do IPCA

Breves

IPCA vai contar com duas residências estudantis e oferecer 195 camas até 2024



As candidaturas foram aprovadas no âmbito do Plano Nacional para o Alojamento no Ensino Superior (PNAES), financiado pelo Programa de Recuperação e Resiliência (PRR), e irão beneficiar de um financiamento de cerca de 5,5 milhões de euros, a executar até 2024, para um investimento total de 6,6 milhões.

Uma candidatura destina-se à construção de uma residência e estará integrada no complexo B-CRIC, que contará também com um edifício dedicado à investigação e inovação e um auditório. Esta nova residência de estudantes terá capacidade de 133 camas, com conclusão prevista até 2024.

A segunda candidatura destina-se à aquisição de um edifício nas imediações do campus do IPCA e posterior adaptação para que possa funcionar como alojamento estudantil. Esta residência terá capacidade para 62 camas a disponibilizar já em 2023.

IPVC leva “Eulália” à final nacional do Poliemprende em Beja

Luciana Silva, aluna da licenciatura em Marketing e Comunicação Empresarial da ESCE venceu a 18ª edição do concurso regional do Poliemprende no Politécnico de Viana do Castelo. O seu projeto, “Eulália”, reinventa as tradicionais socas de madeira, de uma forma sustentável. Em setembro disputará a final nacional do concurso que se realiza no Politécnico de Beja.

Novo rosto na administração do Instituto Politécnico de Coimbra

Sandra Matos assume responsabilidades nas áreas da gestão financeira, da contratação pública e planeamento e substitui no cargo Daniel Roque Gomes, vice-presidente do Politécnico de Coimbra, que acumulava as duas funções. A nova administradora exerceu anteriormente funções na unidade orgânica de assessoria ao conselho de administração da AC, Águas de Coimbra.